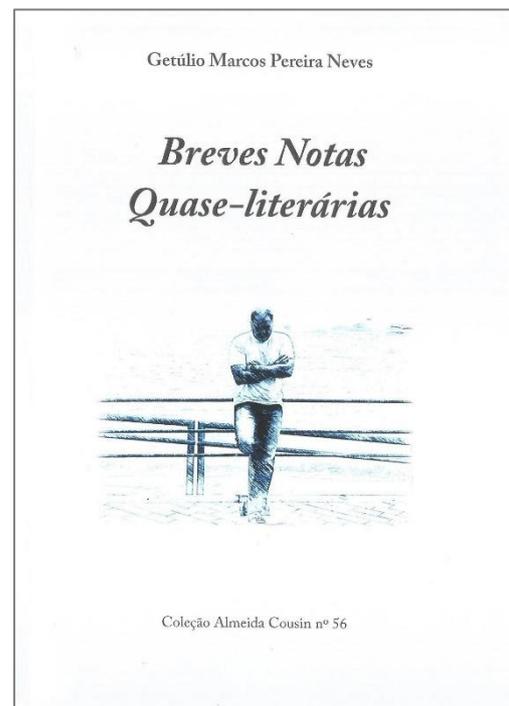


NEVES, Getúlio Marcos Pereira. *Breves notas quase-literárias*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2019. (Coleção Almeida Cousin, v. 56).

Andréa Gimenez Mascarenhas*
Ester Abreu Vieira de Oliveira*



* Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).

* Doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A obra *Breves notas quase-literárias*, do escritor Getúlio Marcos Pereira Neves, foi publicada em dezembro de 2019, pelo Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES), na Coleção Almeida Cousin, n. 56.

Trata-se de um livro de crônicas, na explicação do autor, um “caderno de notas e citações”, cujo intuito era reunir pequenos textos e reflexões suscitadas em algum momento de sua vida.

Getúlio Neves explica não se tratar de memórias, nem de homenagens e que os textos não se pautaram por nenhum critério em sua formatação, nem mesmo cronológico.

Ao abrir a orelha do livro, o leitor descobre que o autor é carioca de nascimento, entretanto, cresceu às margens do Rio Doce em Colatina/ES e vive na Praia da Costa em Vila Velha/ES; logo, parece tratar-se de um legítimo capixaba, fato que se confirma ao longo da leitura dessas crônicas que retratam variados aspectos dos belos recantos espírito-santenses.

Getúlio Marcos Pereira Neves é magistrado, escritor, mestre em Ciências Jurídico-criminais pela Universidade de Lisboa, cidade onde viveu. Atualmente cursa o doutorado na Ufes, em História. Pertence ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e ao Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, ao PEN Clube do Brasil e à Academia Espírito-santense de Letras, além das Academias de Letras municipais de Vila Velha, da Serra e de São Mateus. Músico, integrou-se na Banda Urublues, de Vitória, ES, como guitarrista, tendo participado da gravação de dois CDs que contam com composições suas. Publicou livros de poesia, de contos, de crônicas e de ensaios históricos e diversos artigos de temas variados.

A leitura das crônicas de *Breves notas quase-literárias* nos remeteu a um pequeno texto escrito por Sigmund Freud, em 1924, cujo título é “Uma nota sobre o bloco mágico”.

Nesse texto, Freud, o pai da psicanálise, discorre sobre as formas como as pessoas constroem dispositivos para memorizar fatos e acontecimentos por meio de anotações, ocupando-se de delinear o mecanismo da memória, possivelmente refletindo: “[...] a superfície sobre a qual essa nota é preservada, a caderneta ou folha de papel, é como se fosse uma parte materializada de meu aparelho mnêmico que, sob outros aspectos, levo invisível dentro de mim” (1987 [1924], p. 285).

Freud traça ainda uma analogia entre a sua teoria do aparelho psíquico, e de um artefato que acabara de ser lançado no mercado daquela época, nomeado de “bloco mágico”. Tratava-se de um curioso objeto, semelhante a um palimpsesto, composto por uma prancha de escrever, da qual as notas podiam ser apagadas com um fácil movimento de mão, entretanto, a inscrição ficava permanentemente registrada numa segunda camada de papel encerado, fino e transparente, imperceptível num primeiro momento. Para escrever neste “bloco mágico”, não era necessário lápis ou giz, podendo-se utilizar apenas um estilete pontiagudo. Nos pontos onde o estilete tocava, exercia pressão sobre a superfície inferior do papel encerado, fazendo a inscrição aparecer como num passe de mágica. Assim, novas inscrições poderiam ser feitas sem que se perdessem as anteriores.

Em *Breves notas quase-literárias*, Neves registra por meio de notas, tudo aquilo que lhe é caro e objeto de sua aguçada percepção, fruto de três características pessoais desenvolvidas desde os tempos de escola, a saber, a investigação, a escrita e a música.

A constatação foi que ali, naquelas Semanas Culturais, que comecei a atuar nas áreas de que depois me ocuparia – a investigação (vencendo, o nosso grupo, uma maratona de perguntas e respostas sobre assuntos políticos e culturais); a escrita (vencendo o Concurso de Crônicas, em 1979) e a música (com duas composições classificadas para o Festival da Canção de 1979) (NEVES, 2019, p. 169).

De fato, as notas atestam que o talento delineado na adolescência, toma forma e contorno na vida adulta, consolidando esse autor como um verdadeiro homem de letras.

As notas não são numeradas, nem nomeadas, e versam sobre variada e instigante temática a iniciar por tenras lembranças infantis, marcadas pelo afetivo referencial paterno. Enveredando pelos caminhos apontados, qual um viajante, o leitor terá a oportunidade de conhecer das terras capixabas, às terras de Alémmar, do Tejo ao Doce rio de lembranças que povoam as vivências do autor. Poderá ainda, flanar por Lisboa, através do olhar de quem já morou e construiu laços afetivos com a cidade ou simplesmente flanar por Colatina, Baixo Guandu, Itapina, Resplendor, Cachoeiro de Itapemirim, Vila Velha, Rio de Janeiro, Salvador, Buenos Aires e, se ainda tiver fôlego, quem sabe, Paris? Isso apenas para citar alguns cenários, palcos dessas interessantes histórias.

Dentre os diversos espaços de convívio acadêmico, social e cultural relatados, destacamos as alegres reuniões do Sabalogos, tertúlia que reunia a elite dos autores capixabas na extinta Livraria Logos da Praia do Suá: “Chegando-me aos poucos, assim, como quem nada quer, olhando os livros nas estantes por trás da mesa ocupada pelos tertulianos, gozadores “autores capixabas”, acabei convidado por Renato Pacheco para me juntar a eles.” (p. 30). Sobre o que conversavam tão letrados senhores, tem-se alguma ideia:

Falava-se e fala-se de tudo e de Literatura também. “Saía-se, geralmente uma vez por mês, em excursão gastronômica aos restaurantes da cidade, de que se lavrava a ata respectiva, *ad perpetuam rei memoriam*.” [...] Fala-se de política, futebol, religião, contam-se anedotas – o campeão é o Pedro Nunes, ungido por Renato Pacheco pelas habilidades de sonoplasta de que lança mão para dramatizar os casos (Renato não almoçava no sábado sem antes ouvir um chiste do autor de *Vilarejo* e de *Aninhanha*). Fala-se ali até em mulheres, mas como objeto literário. [...] Há a obrigação sim de parlamentar e conviver. Não é muito em termos de obrigação, mas convive-se em alto nível (p. 27-28).

Sobre a cena musical capixaba nos anos 90, encontramos registros de um jovem guitarrista a bordo da banda Urublues, que marcou época como a primeira banda

capixaba da era do CD e da qual, Neves fez parte desde a sua formação original: “Como a primeira banda capixaba da era do CD, todos queriam ver e ouvir, onde chegássemos”. (p. 86). A influência musical teve reflexos na escrita, com a publicação do seu “*Blues, sonetos e canções*”, obra que recebeu destaque no discurso de Matusalém Dias de Moura, por ocasião da posse de Neves na Academia Espírito-santense de Letras, no dia 19 de setembro de 2005.

Ao refletir sobre a provocação lançada pelo saudoso Sérgio Blank no Facebook, “Por que você escreve?”, Neves responde: “Escrevo porque gosto” e formula sua argumentação reflexiva, concluindo que a escrita é uma atividade dialética: “Quem traz em si mundos acabados ou se faz portador de ideias feitas não se expõe, não aceita, não tem por que aceitar, enfronhar-se no debate” (p. 144).

Em outra nota, sobre o centenário de fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, colhemos trecho do discurso proferido por Neves, então Presidente desta eminente instituição, por ocasião de sessão solene no Palácio Anchieta:

A vida das pessoas e das sociedades é um suceder de fatos e de realizações, de experiências acumuladas que é bom que não se apaguem da memória coletiva para evitar que se repitam erros ou se percorram caminhos já trilhados. Por isso a humanidade sempre procurou guardar memória, na forma de experiência acumulada ou na de registro sistemático dos fatos. Livros, documentos, toda espécie de registro tem importância capital: a de, perenizando fatos e realizações humanas, abrir espaço para que o homem memorize individualmente experiências e impressões relevantes para a sua própria vida. Guardar a memória coletiva da sociedade, das pessoas que viveram numa comunidade, das realizações de indivíduos em prol da coletividade, da vida comum dos demais, testemunhos de um modo de ser e de estar no mundo numa determinada época (p. 88-89).

Tão belo discurso suscita o que de mais precioso nos constitui enquanto seres humanos, justamente a palavra, que uma vez escrita, tem o poder de romper os limites da morte. A partir disso, retomamos a explicação inicial do autor que suplica a condescendência do leitor pelas doses de auto-referência:

Anotações. Umhas pretensiosas, pois publicadas, outras nem por isso – caso em que a publicação trai o objetivo inicial. Justificam-se, portanto, as doses de auto-referência, para que suplico condescendência. A quem

se destina? Estaria na melhor das hipóteses, iniciando reflexão nos moldes em que uma ou outra se encontra neste volume. A mim importava era reunir os textos, abrindo espaço para outras cogitações. Não se espere critério na formatação, nem mesmo cronológico. Em suma, um caderno de notas e citações. A merecer leitura, terá alcançado sua dupla finalidade (p. 7).

Ora, finalidade alcançada com louvor, as *Breves notas quase-literárias* encantam duplamente, seja pelo impecável rigor da escrita, seja por certo ritmo “blues” no ar. Deitadas sobre o “bloco mágico”, palavras eternizam e transformam-se em notas, agora musicais, “abrindo espaço para outras cogitações”.

Referência

FREUD, Sigmund. Uma nota sobre o ‘bloco mágico’, 1924. In: _____. *Obras psicológicas completas*. Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. XIX, p. 285

Recebida em: 17 de março de 2022.

Aprovada em: 06 de junho de 2022.